



SILVIANO SANTIAGO E O PÓS-ESTRUTURALISMO: UM OLHAR PARA O EFEITO DO SUPERAstro NAS SUBJETIVIDADES CONTEMPORÂNEAS

Andressa Medeiros Avi*

No presente trabalho, a partir de uma leitura do que expõe Silviano Santiago em seu ensaio “Caetano Veloso enquanto superastro”, no livro *Uma literatura nos trópicos* (1978), busca-se compreender quais são os principais pontos responsáveis por despertar o interesse de Santiago acerca do tropicalismo e, mais especificamente, de Caetano Veloso e de sua construção enquanto superastro. Nesse sentido, isso também será relacionado à vertente teórica da qual Silviano Santiago faz parte, o pós-estruturalismo, a fim de proporcionar uma reflexão e um entendimento de maior profundidade.

De início, Silviano contextualiza a situação do superastro no cenário norte-americano, em que havia, muito clara, uma separação entre o personagem, a face pública, o papel representado e o ator, a face privada, o intérprete. Dessa forma, os paparazzis, a mídia, de maneira geral, agiam na intenção de tornar visível essa diferença, essa ruptura: flagrava-se o ator de Hollywood em um momento íntimo, que por destoar do que o público estava acostumado a vê-lo representar, gerava escândalo, choque, frenesi e, portanto, cliques, repercussão, capital. Se, em tela, no artifício, o que se exibía era um homem polido, romântico, o típico galã, na vida real, poderia ser exposto como um fanfarrão, mulherengo, um alcoólatra desgarrado... Contudo, como Silviano irá apontar, chega um momento em que essa diferenciação é obscurecida. Em seus termos, o superastro é o mesmo na tela e na vida real, porque nunca é sincero, “sempre representando, sempre deliciosamente e naturalmente artificial, sempre espantosamente ator, sempre se escapando das leis de comportamentos ditadas para os outros cidadãos (e obedecidas com receio)” (SANTIAGO, 2019, p. 17).

Pensando no recorte brasileiro, Silviano aponta os artistas tropicalistas e, em especial, Caetano Veloso como precursores deste movimento de quebra com o jogo da diferença, no qual as linhas entre o que seria, de um lado, o ator, o sério, a responsabilidade e de outro o homem, a fantasia, o humano, são borradas. O público, estranhando o fim súbito do que se praticava, protesta, denuncia o seu desconforto, o que reverbera nas críticas

da imprensa. Caetano, o superastro por excelência, com sua característica irreverência, retruca: “sem essa, bicho, a época é a do desbunde” (SANTIAGO, 2019, p. 174).

O desbunde, para Silviano, pode ser visto como o ato de romper com estas fronteiras, antes bem delimitadas. Trata-se de “representar no palco a realidade da vida. Representar na vida a realidade do palco” (SANTIAGO, 2019, p. 174). O superastro emergiria, então, como um elemento catalisador, como o significante que indica, ao se aproximar de seu público, que é a hora do show, arrancando as pessoas da vida diária e instalando um clima de pura representação: “como em uma colagem surrealista, ao vê-lo se abrem no peito as cortinas e se acendem os *spot-lights*” (SANTIAGO, 2019, p. 175). O desafio, provoca Silviano, passa a ser justamente encontrar uma definição para um significante tão complexo e multifacetado quanto o superastro: sobre Caetano, são feitas afirmações tão plásticas quanto a sua própria performance de si: “é deus, é artista, é pessoa: é superior, é diferente, e semelhante. Tudo ao mesmo tempo” (SANTIAGO, 2019, p. 175).

Pegando Caetano Veloso como exemplo, Silviano irá desmembrar os componentes necessários para o êxito do superastro: um deles, a boa gerência, saber aproveitar as oportunidades e utilizar a estética a seu favor. Guilherme de Araújo, o empresário de Caetano, era chamado de “maquiavélico criador de mitos” (SANTIAGO, 2019, p. 176). Como ele mesmo revela em entrevista, frente à Revolução de Maio na França, e o regime ditatorial no Brasil, teria sugerido a Caetano que fizesse uma música com a frase “*É proibido proibir*.” Nesse ponto, vê-se exemplificado, em Caetano, o que Silviano anuncia em sua primeira formulação sobre o superastro: a capacidade de transgredir as leis de comportamento impostas a todos, diferenciando-se, de um jeito que é audacioso e, em simultâneo, irresistivelmente sedutor. Com as roupas a serem usadas, as imagens nas revistas, o mesmo cuidado, a mesma espontaneidade estratégica: é preciso que a vida cotidiana seja espetacularizada da mesma forma que a performance no palco. Caetano, com seus cabelos longos e bagunçados, a sua magreza plástica, os seus trajes coloridos e inovadores e a postura que mescla provocação e elegância, é, em si mesmo, uma ampliação de seu projeto musical, uma elaboração estética, personificação do artifício.

Quando questionado, ao participar do programa de televisão *Vox Populi*, em 1978, sobre a sua prisão em 1968, a qual se sugeriu que Caetano creditava mais aos críticos, do que aos próprios militares, o superastro

* Bacharelado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

respondeu: “A sua pergunta é como se dissesse assim pra mim: “você tá brigando com os críticos, mas não tá brigando com os generais...”, entendeu? Claro, eu não tenho tanques, faço músicas. Ele escreve, eu escrevo também, eu falo... é outro lance.” O superastro torna explícito o implícito e, por meio de seu domínio sobre o discurso, de sua ironia divertida e inteligente, desmonta-o, torna-o ridículo. O artista, músico, escritor, a palavra, em uma esfera. O general, o ditador, o homem-máquina, a força, em outra. Um combate direto impossível.

Sobre a questão monetária que envolve o superastro, os seus gastos e o seu lugar na sociedade de consumo, é uma tomada de posição clara que Silviano Santiago cite as palavras de João Vicente, nas quais aponta que Caetano está além de uma simples definição como objeto de consumo, que isso seria amesquinhar a questão de maneira grosseira (SANTIAGO, 2019, p. 180). Ainda nesse sentido, irá citar o exemplo de Chico Buarque, para mostrar que o superastro, na verdade, não sabe lidar com a sociedade de consumo: sobre as suas músicas que ganham versões outras após divulgadas, declara: “um mês depois de composto meu samba já não é meu. É mercadoria exposta ao consumo, desgaste, ridículo e rejeite” (SANTIAGO, 2019, p. 181). Silviano Santiago mostra o superastro não apenas na posição de quem lucra com a sociedade de consumo, mas de quem também sofre e é apequenado por ela.

Tendo se evidenciado algumas considerações de Silviano Santiago a respeito da figura do superastro, é importante refletir acerca do porquê de seu interesse especial por Caetano Veloso, dentro da Tropicália. Como aponta, desde 1967, em meio ao Tropicalismo, Caetano já estava preocupado com a personalidade que apresentaria à televisão e ao disco. Elege-se, para ele, uma sagaz ambiguidade, capaz de cativar diferentes públicos: a sua construção através da figura de Chacrinha, como canta Gilberto Gil em *Aquele abraço*, Chacrinha “velho guerreiro” e “velho palhaço”. Vimos acima que o superastro que cantava que era *proibido proibir* era o mesmo que respondia, em um programa de TV, com seu sorriso irônico e seu olhar afiado à câmera, “eu não tenho tanques, faço músicas”. O sério e o cômico, o revolucionário e o artista. Como elucida Silviano, a imagem de Chacrinha e a descoberta da TV estão intrinsecamente ligadas ao surgimento do Tropicalismo, pois servem como ponto de partida para um movimento de valorização do Brasil, “Brazil inzoneiro” (SANTIAGO, 2019, p. 183). Nesse sentido, trata-se de um momento em que

descentralizou-se a cultura brasileira da cultura institucionalizada, da cultura aceita e aplaudida pelos intelectuais e pelas universidades, pelas academias de letras e pelos suplementos literários. Transferiu-se o interesse para o humilde e o marginalizado pela cultura

sofisticada dos grandes centros (SANTIAGO, 2019, p. 183).

Os elementos que antes caracterizavam vergonha passam a ser postos em cena sob outro prisma: o Brasil **tropical** e pitoresco, do folclore e dos cartões postais. Os artistas tropicalistas equilibrariam em suas produções, então, em termos de conteúdo, alguns elementos nacionais que são o que havia de mais arcaico e de forma, o que havia de mais moderno. Não buscam escolher entre isto e aquilo e se apresentam uma dicotomia de opostos, não é para chegar a uma solução.

Um dos méritos de Caetano, para Silviano, é o de ter percebido o caráter contraditório e sintético que vinha se anunciando na cena artística e desejado que o seu próprio corpo pudesse servir como escultura, na vida ordinária e no palco, e se metamorfoseasse, assumisse a contradição. Fazendo isso, tornou-se a mensagem viva de sua mensagem artística, unindo o “cafona” a artefatos dos mais avançados industrialmente, como as guitarras elétricas e as roupas de plástico. Para cristalizar o paradoxo, Silviano aponta que serve bem a frase: “Não posso negar o que já li, nem esquecer onde vivo” (SANTIAGO, 2019, p. 185).

Caetano é um marco porque percebe que “o corpo é tão importante quanto a voz; a roupa é tão importante quanto a letra; o movimento é tão importante quanto a música” (SANTIAGO, 2019, p. 185). Criador e criatura se tornam uma coisa só, o corpo se torna um canal de mensagem. O caetanismo de 1972, nos termos de Silviano, acusado por alguns de não ser suficientemente político, alienado, têm a força de conseguir

desviar uma geração para o gozo e o deleite, para o som e a ausência, e talvez estabelecer uma ligação maior, além de fronteiras e de credos, em uma utopia da não presença, do espírito, onde “legal”, “curtir”, “grilo”, “desbunde”, são os pilares da língua franca (SANTIAGO, 2019, p. 190).

Tudo no superastro, todos os seus acessórios compõem linguagem e, mais do que isso, uma linguagem que dialoga com os jovens que, consumindo-o, “passam a receber, no ritual e na festa, seus fluidos de encanto e de inebriante vida” (SANTIAGO, 2019, p. 190). E, em meio a um sistema político ditatorial, opressivo, e a uma cidade cinzenta, em crescimento desenfreado, sob o avanço tecnológico e repleta de engravatados, Silviano Santiago vê beleza no que provoca Caetano Veloso sobre um coletivo que, graças a ele, em cores e em ânimo se opõe ao institucionalizado.

Ao pensarmos a exposição de Silviano Santiago pela ótica pós-estruturalista, vertente teórica a qual se alinha, podemos esclarecer alguns pontos centrais à sua argumentação: primeiro, o interesse e o reconhecimento

de Silviano pelo que faz Caetano com o corpo, transformando-o, também, em um elemento artístico, uma extensão de seu projeto musical, estético, um símbolo, um canal de comunicação direta e simplificada com o seu público. Silviano reconhece que tudo é linguagem, em consonância com Jacques Derrida em “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas” (2002, p. 232), que tudo é discurso, e que o que está no centro da cena é o jogo da significação. Todos os elementos que compõem a figura de Caetano, os acessórios, as roupas, o cabelo, a postura, as expressões faciais para a câmera, dialogam com o seu público e produzem significados, sentidos, efeitos, não somente as suas músicas. Com o pós-estruturalismo, sai-se da supervalorização do pensamento, da razão e se abre a possibilidade de olhar, também, para o corpo como elemento interventivo e para estruturas mais amplas, considerando aquilo que é da ordem do histórico e do cultural. Sendo assim, me parece muito oportuno considerarmos o que propõe Peter Pál Pelbart, professor e pesquisador brasileiro-húngaro pós-estruturalista, em seu ensaio *Da claustrofobia contemporânea* (2000), sobre a formação das nossas subjetividades no contexto contemporâneo e sobre a relevância do trabalho imaterial. Primeiro, a respeito da subjetividade, define que “não é algo abstrato, trata-se da vida, mais precisamente, das formas de vida, das maneiras de sentir, de amar, de perceber, de imaginar, de sonhar, de fazer, mas também de habitar, de vestir-se, de se embelezar, de fruir, etc” (PELBART, 2000, p. 37). Sobre o trabalho imaterial, no qual podemos encaixar o superastro, Caetano, aponta:

(...) esses setores produzem imagens, informação, conhecimento, serviços. É trabalho imaterial na medida em que incide sobre algo imaterial, que é a subjetividade humana. Consumimos hoje sobretudo fluxos, de imagem, de informação, de conhecimento, de serviços. Esses fluxos formam nossa subjetividade, revolvendo nossa inteligência e conhecimentos, nossas condutas, gostos, opiniões, sonhos e desejos, em suma, nossos afetos. **Consumimos cada vez mais** maneiras de ver e de sentir, de pensar e de perceber, de morar e de vestir, ou seja, **formas de vida**. (PELBART, 2000, p. 36, grifo meu).

Silviano Santiago parece enxergar algo no tropicalismo e, depois, no caetanismo de 1972, que a despeito de suas contradições, de uma suposta falta/falha política - como diriam haver críticos como Roberto

Schwarz -, é capaz de provocar, por meio da alegoria, da “curtição”, do equilíbrio entre o cafona e o moderno, um novo sopro de vida à juventude brasileira, sufocada pelas estruturas opressivas do regime militar. O que estes artistas estão oferecendo é, de certa forma, uma outra forma de vida, que não a que impera. E se consideramos que o que consumimos é o que molda as nossas subjetividades, é mesmo, muito significativo, o que realiza Caetano Veloso: a juventude brasileira não só sai às ruas vestida como Caetano, ela passa a olhar, apreender e sentir o mundo por uma nova perspectiva, possibilitada pela performance discursiva do superastro, que mobiliza todos os seus artifícios para ampliar o seu alcance: palavra, imagem, performance.

DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas. In: DERRIDA, Jacques. *A escritura e a diferença*. 2. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2002. p. 1-252.

PELBART, Peter Pál. *Da claustrofobia contemporânea*. In: PELBART, Peter Pál. *A vertigem por um fio: políticas da subjetividade contemporânea*. São Paulo: Editora Iluminuras Ltda, 2000. p. 1-222.

SANTIAGO, Silviano. Caetano Veloso enquanto superastro. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*. Recife, PE. CEPE, 2019 [1978]. p. 171-190.

TV CULTURA. *Vox Populi - Caetano Veloso*. 2012. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P_eJM8LiqU0&t=148s. Acesso em: 23 out. 2024.